

DANGALERIA

Bob Nugent e a natureza do que não pode ser dito em palavras

*O segredo é não correr atrás das borboletas.
É cuidar bem do jardim para que elas venham até você.*

Mário Quintana, poeta brasileiro

A relação harmônica do Homem com terra, mar e ar deve ser pautada pela reverência, pelo aprendizado. Nossa postura não pode ser outra que a de gratidão, fascínio e respeito pelas múltiplas formas de vida que nos dão sustento, abrigo, energia vital, e ainda têm a generosidade de nos presentear com fontes inesgotáveis de deslumbramento e beleza.

Supor que ferramentas técnicas e estudos científicos sejam suficientes para desvendar os mistérios de habitat tão complexo é desconhecer sua essência. A experiência humana provou que, para além dos microscópios e das análises celulares, os instrumentos que melhor descortinam suas infinitas e fascinantes camadas – visíveis ou subterrâneas – são os pincéis, as espátulas, as extremidades de grafite e carvão. Instrumentos manipulados por mãos de quem dedicou a vida decifrando os meandros da beleza micro- e macroscópica com que somos agraciados a cada instante. Mãos de alguém como Bob Nugent.

Tenho o privilégio pessoal de ter testemunhado diversos exemplos da relação especial de Nugent com a flora brasileira ao longo de várias décadas. A exuberância da natureza nas várias regiões do Brasil – das profundezas misteriosas da Amazônia à paisagem desértica do sertão nordestino, do espetáculo incomparável de espécies únicas povoando céus, rios e terras do Pantanal ao infinito inventário de indescritíveis belezas da costa brasileira – marca indelevelmente a obra de Nugent desde sua primeira visita ao país, em XXXX. Sua curiosidade, deslumbramento e reverência, frente a tanta beleza e mistério, emanam de seus trabalhos como a perspiração da vegetação nativa que respira silenciosa em nossas matas.

Ao nos conhecermos, na década de 1980, mal sabíamos que uma tragédia comum nos uniria para sempre: a perda do amigo querido que nos apresentou, e que marcou permanentemente nossas vidas. Hoje, tantos anos passados, as anedotas e aventuras vividas com esse personagem inesquecível – o artista plástico e *papermaker* Otavio Roth - ainda salpicam nossos momentos comuns com humor e nostalgia, não importa em que parte do mundo estejamos.

A crescente fascinação de Bob pelo meu país natal, sua gente, seus cenários, sua cultura, as particularidades de nosso idioma, tem sido evidente para mim ao longo de nossa convivência. Nas areias sedosas de *Porto de Galinhas*, testemunhei a maneira como seu olhar era atraído pela bravura da vegetação encrustada nas pedras, em sua luta constante contra o ataque constante das ondas; nas águas do *Rio Tapajós*, no coração da Amazônia, vi como os primeiros raios da manhã encontravam Nugent com sua câmera fotográfica, documentando a revoada de maritacas e araras azuis; no *Pontal do Maracápe*, em Pernambuco estava ao seu lado quando em sua mão bailavam minúsculos cavalos marinhos, protegidos do sol inclemente do nordeste brasileiro; nas manhãs cristalinas da *Praia da Baleia*, no litoral norte do Estado de São Paulo, surpreendi muitas vezes seu olhar paralisado pela comunhão de mar, nuvem e céu descortinada em espelhos gigantescos à beira d'água; na *Praia do Espelho*, na Bahia, eram as formações rochosas que sequestravam seu olhar e preenchiam incontáveis folhas de seu caderno de rascunhos. E assim sucessivamente, por múltiplas regiões desta terra abençoada com uma diversidade natural como nenhum outro do planeta.

DANGALERIA

Meu posto privilegiado de observador próximo me permitiu também constatar como cada novo ciclo do trabalho de Nugent encontrou sua tradução visual própria, como num relato escrito em capítulos, narrativa em que personagens diversos tornam-se protagonistas por algum tempo, para depois retrair-se e abrir espaço para outros. Essa narrativa passou inicialmente por desenhos e telas onde detalhes de vegetação eram explorados num registro quase naturalista; percorreu peças compostas em carvão revelando formas e reentrâncias que passariam despercebidos para olhares menos apurados; incluiu investigações pictóricas sobre a imensa e intensa vida que existe sob a camada vital visível; exprimiu-se em composições geométricas onde a textura de cascas de árvores nativas compunham tabuleiros justapostos com delicadeza de tirar o fôlego; revela toques de *voyeurismo*, quando perscruta formações vegetais vistas através de cortinas naturais que parecem terem sido ali colocadas por mãos sábias exatamente para esse fim; e, mais recentemente, envolve peças movidas a indignação, retratando catástrofes ambientais que assolam nossa terra, em particular as tragédias decorrentes do descarte assassino de rejeitos minerais por companhias mineradoras no Estado de Minas Gerais.

Sim, porque uma constante na relação de Nugent com a natureza que ele retrata - de forma comovedoramente única e sua - é de jamais ser passiva. Mesmo nas obras em que formas de conchas, plantas, flores e árvores se apresentam em sua beleza exuberante, o observador se dá conta da vulnerabilidade desses elementos, dada a capacidade de agressão da raça humana contra esse universo de apaixonante beleza.

Nugent traduz essa tênue delicadeza de forma única, como num alerta ao observador: desfrute do belo, mas saiba que a beleza é efêmera e passageira, não nos foi presenteada com isenção de nossa responsabilidade por ela.

A obra de Bob Nugent, nas múltiplas formas e mistérios da natureza que ele retrata, é um convite ao desfrute do belo e à constatação de que a magnitude desse presente é finita e requer nossa cumplicidade para seguir existindo.

Roberto Elisabetsky